

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## (RE)CONFIGURAÇÕES DO CORPO E DO *CORPUS* DO HISTORIADOR EM QUARENTENA: SENSIBILIDADES E TECNOLOGIAS NA PESQUISA COM HISTÓRIA ORAL À DISTÂNCIA

Lúcio Geller Junior

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

lucio.geller@gmail.com

**Resumo:** Esta comunicação surgiu a partir de duas “tensões” que emergiram em minha pesquisa de mestrado (2020-2022), cuja proposta se debruçou sobre histórias de vida de imigrantes da União Soviética no Brasil, obtidas por meio de entrevistas de história oral. A primeira é um “desconforto” na relação entre o “eu” do historiador e o de seus “objetos”. Sentimento potencializado pela segunda: a transformação dos meios de pesquisa em razão da disrupção tecnológica e sanitária ocasionadas pela pandemia de Covid-19. Algo que fez com que o meu “eu” encontra-se nas palavras de meus depoentes “sensações” que pareciam semelhantes às que eu sentia no momento. Como eles, me vi como um sujeito *deste mundo*. Não obstante, fomos drasticamente (re)configurados pelo mundo virtual. Nesse sentido, com base na crítica da “violência ética”, de Judith Butler (2019), e do “eu do historiador”, de Sabina Loriga (2012), com vistas a problematizar o estatuto “ilusório” das biografias (BOURDIEU, 1986), argumentarei a favor da abertura ao “outro” como possível “escape” para a primeira tensão. Em seguida, avaliarei como essas proposições sobre o corpo e o *corpus* do historiador, agora (re)configurados virtualmente, impactam nos gêneros do discurso, seus conteúdos e formas de dizer.

**Palavras-chave:** sensibilidade; tecnologia; história oral

*“As imagens não veem, Engano teu, as imagens veem com os olhos que as veem, só agora a cegueira é para todos”.*

José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira* (1995).<sup>1</sup>

*“Desde o início me surpreendeu o modo como Austerlitz dava corpo a suas ideias no próprio ato de falar”.*

---

<sup>1</sup> Trecho do capítulo final do romance de José Saramago (2019, p. 302) sobre uma “peculiar” epidemia de cegueira branca.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

W. G. Sebald, *Austerlitz* (2001).<sup>2</sup>

Como mencionei no resumo encaminhado a este Simpósio Temático a minha proposta de comunicação surgiu a partir do que chamei de “tensões” que emergiram em meio a minha pesquisa de mestrado iniciada em 2020 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS). Digo “tensões”, no plural, porque consigo localizar, no momento, ao menos dois aspectos que, *grosso modo*, não me eram “conscientes” até então; a saber, até a crise sanitária e social decorrente da pandemia do *novo coronavírus* (Covid-19).<sup>3</sup> Para melhor descrever *o que*, bem como o *porquê*, estou as chamando desta forma, preciso começar tecendo algumas palavras sobre o que faço e como cheguei aos *insights* do que aqui busco refletir. Contudo, adianto que trata-se de um texto em “construção”, inconclusivo; algo entre um ensaio e o esboço de alguns pensamentos latentes, que, mais que respostas prontas ou definitivas, oferece perguntas sobre determinados pressupostos da pesquisa e os caminhos que, parcialmente, tenho trilhado desde o último ano que se passou.

Em primeiro lugar, para quem interessar possa, desde o segundo semestre de 2017, ainda na qualidade de graduando em História pela UFRGS, me dedico às relações entre história oral e migrações. Época e local em que tive a oportunidade de conhecer e ouvir dois imigrantes ucranianos da antiga União Soviética, Anna Savitskaia e Oleg Savitskii, radicados em Porto Alegre, Rio Grande do sul, desde 1992 – quando nem bem completava um ano do desaparecimento do velho mundo socialista. As primeiras vezes que os ouvi, contudo, não foi na condição de pesquisador, e sim como um curioso e interessado estudante, a aproximadamente um ano de ter que elaborar sua monografia de conclusão, que ocupava uma entre tantas cadeiras de diferentes auditórios durante algumas conferências públicas ministradas por aquele casal de “testemunhas” – como eram assim apresentados – do *fim* da União Soviética.

Como se pode imaginar, o momento em questão circundava a efeméride do centenário da Revolução Russa e, de fato, foram em eventos ligados jubileu de 1917 que os vi e ouvi inicialmente. Primeiro, em 11 de novembro de 2017 no Sindicato dos

---

<sup>2</sup> Comentário do narrador do romance W. G. Sebald (2008, p. 16) sobre a forma como o protagonista, *Austerlitz*, avivava pela memória aspectos de seu passado.

<sup>3</sup> Em 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, o diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou que o órgão elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Municipários de Porto Alegre (SIMPA), no evento *As Mulheres na Revolução Russa*; e, depois, em 30 de novembro, na UFRGS, na aula pública *A Revolução Russa e a Experiência Soviética*, promovida pela Associação dos Licenciados em Filosofia. O acontecimento recordado não foi “vivido pessoalmente” (POLLAK, 1992, p. 201) pelo casal. No entanto, em ambas as ocasiões os dois buscaram expressar a experiência de passar por aquele mundo que começou há cem anos e que ruiu em meio as suas vidas. Já eu começava a tomar nota de algumas informações sobre o casal: data e local de nascimento, formação, ocupação, entre outras coisas. Contudo, foi com o tempo, e até tomar certa “coragem”, diga-se de passagem, que fui em busca dos sentidos de suas narrativas de vida para a elaboração de meu primeiro trabalho autoral com base em entrevistas de história oral.

No final de 2018, defendi então a minha monografia, resultado de três encontros presenciais com Anna,<sup>4</sup> que tornou-se a protagonista das minhas reflexões. Ela esteve presente, a propósito, na minha defesa de conclusão de curso juntamente com o marido e a filha. Última ocasião que nos vimos pessoalmente.<sup>5</sup> Em 2019, quase um ano depois, tive aprovada minha proposta de dissertação no mestrado do PPGH/UFRGS com início previsto para março de 2020. A partir das problemáticas vistas como Anna, buscava me cercar agora de um maior número de fontes. Em resumo: dialogar com mais imigrantes radicados no mesmo período em Porto Alegre, região metropolitana e, quem sabe, em outras localidades do Rio Grande do Sul. Baseava-me, portanto, nas minhas possibilidades de deslocamento para chegar até os candidatos a entrevistados, consoante ao tempo que teria para concluir a pesquisa. Carregava comigo a expectativa de seguir ouvindo a forma dada ao passado pelas *subjetividades* de indivíduos de “carne e osso”, ou como diria W. G. Sebald (2008, p. 16) na voz de *Austerlitz*, de como é dado “corpo a suas ideias no próprio ato de falar”. E por falar em corpo, isso supostamente implicaria ainda na *presença* física destes, o “olho no olho”, que era o que em partes, baseado em experiências anteriores, justificava meu recorte espacial – o meu próprio deslocamento.

---

<sup>4</sup> As fontes orais produzidas para a monografia (GELLER JR., 2018) foram fruto de três entrevistas realizadas com Anna Savitskaia (2018a, b, c) em 2018.

<sup>5</sup> Novas reflexões, com maior aprofundamento das questões de gênero, foram publicadas em: Geller Jr (2019).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

\*\*\*

Porém, tanto as aguardadas “subjetividades” quanto as supostamente necessárias “presenças” do corpo foram surpreendidas com a chegada do ano de 2020. Poucas semanas após iniciar uma nova etapa acadêmica, não podia imaginar, afora os desvarios decorrentes do golpe de 2016 que destituiu uma presidenta democraticamente eleita, a emergência de um cenário tão desolador de mortes e destruição socioeconômica provocado não apenas pela emergência sanitária global da *Covid-19*, mas, especialmente, pela política fria, negacionista e *lobista* para com a vida humana praticada pelo governo federal brasileiro e seus “pares” ao redor do mundo. Com efeito, como afirma a filósofa Judith Butler (2020, p. 60-62), os vários tipos de desigualdades, sem qualquer ação efetiva e coordenada destes governos para mitigar os efeitos da crise, acabaram por assegurar ao vírus a capacidade de não ser mais indiferente às suas vítimas e a também discriminá-las racial e sociosexualmente. Contudo, e aqui peço licença aos leitores e leitoras para um breve parêntese, como bem colocou Achille Mbembe (2021, *s.p.*), por que não somar ao novo *coronavírus* “às dezenas de milhões de vítimas de aids, cólera, malária”, e assim por diante; sem contar “as substâncias explosivas e outras guerras predatórias e de ocupação que mutilam e dizimam dezenas de milhares, lançando às rotas do êxodo centenas de milhares de outros”? Antes deste vírus a humanidade já não estaria “ameaçada” de asfixia, pergunta o filósofo camaronês.<sup>6</sup>

Quanto aos questionamentos de Mbembe, não tenho sequer condições de avaliá-los, menos ainda de ousar respondê-los. Porém, suas palavras, assim como as de Butler e outros tantos intelectuais que prestaram-se a refletir sobre o que estávamos, e estamos, vivendo com a pandemia, me fizeram lembrar das reflexões de Michel Foucault sobre o conceito de verdade. A verdade, diz o filósofo, é “deste mundo”; não é a recompensa dos “espíritos livres”; é produzida e regulamentada “nele” (FOUCAULT, 2016, p. 52). Com isso, o que quero dizer, e que entendo como uma primeira “tensão” colocada à minha prática historiográfica, é que o presente da pandemia, com essa fórmula violenta de

---

<sup>6</sup> As inúmeras crises migratórias ao longo da história, pelos mais diversos motivos, como argumenta Mbembe, encontraram na pandemia, segundo o último relatório de Tendências Globais (2020) do Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), um cenário em que “o número de pedidos de asilo registrados na União Europeia em março de 2020 caiu 43% em comparação com fevereiro, à medida que os sistemas de asilo diminuíram ou pararam com países fechando fronteiras”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mostrar a história da vida humana como parte da vida “neste mundo”,<sup>7</sup> despertava no meu próprio “eu” todo aquele conjunto de sentimentos que eu buscava ler e dar sentido nos relatos de vida que ouvia – as ditas “subjetividades”. O que, ao mesmo tempo, me expulsava da congregação dos “filhos das longas solidões” que “souberam se libertar” dos seus próprios sentimentos, segundo Foucault (2016), e racionalizar a vida dos outros, me jogando em direção ao conjunto dos outros tantos produtores de discursos.

Em dado momento de 2020, me vi relendo minhas antigas entrevistas e encontrando nas palavras de minha antiga entrevistada “sensações” que pareciam expressar algo que eu também sentia no presente. Nele, ela lamentava os efeitos catastróficos do avanço voraz da agenda neoliberal e da ofensiva da extrema-direita durante a década de 1990 sobre as condições de vida das populações do Leste Europeu e que, inclusive, a fizeram partir para outro país. Permitam-me aqui citar (SAVITSKAIA, 2018c, 2018, *s.p.*):

A gente na verdade estava esperando que as coisas *continuassem*, só que vai ser igual, por exemplo, na França, ou [em] países de sucesso, países capitalistas de sucesso [...] Na verdade, o que que a gente [esperava] com essa mudança, era pra uma utopia, que [na verdade] não existia!

O sabor melancólico dessa espécie de epitáfio das “expectativas”, na acepção de Reinhart Koselleck (2006. p. 310), de mudança social, pautadas pelos princípios utópicos das “culturas de esquerda”, conforme Enzo Traverso (2018. p. 29-39), para além dos conteúdos manifestos e daquilo que ela estava se referindo propriamente, me despertava para a emoção de uma espécie de “separação”. Sentimento que o historiador Alistair Thomson (2002.p. 359) já havia alertado em relação as histórias de vida de quem deixou para trás sua terra natal. Mas não era apenas o efeito do narrador sobre o ouvinte que parecia me perturbar, eu a lia agora com o amargo sabor do presente. Minha “separação” estava ligada as distâncias, aos isolamentos e as solidões de agora; aos sentimentos de medo e as frustrações do nosso presente; dos temores em relação ao “frágil e minúsculo corpo humano”, parafraseando Walter Benjamin (1987. p. 114).

Como a partir desse cenário carregado de emoções eu poderia então seguir coletando relatos de vida que expressassem sentimentos de dor? Como eu poderia

---

<sup>7</sup> Perspectiva que, a partir da revisão da história ambiental dirigida pelas críticas ao antropoceno, vem sendo apresentada desde muito antes da pandemia por intelectuais proeminentes como Dipesh Chakrabarty (2013).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

entender a narrativa de uma descende de um pai e de uma mãe que foram “filhos da guerra, aqueles humanos que não tiveram infância”, como me disse uma imigrante russa em 13 de novembro de 2020 (GAISSIONOK, 2020, *s.p.*), sem introjetar as emoções que suas histórias carregavam? Certamente, me vendo como parte do “mundo” e não como alguém capaz de recusar às sensibilidades, eu ficaria muito próximo de incorrer no que Pierre Bourdieu (2006) sentenciou de “ilusão biográfica”; repercutindo a “apresentação oficial” dos indivíduos e a história de uma vida como a História definitiva. Para não falar em um tipo de “ilusão do presente” ao projetar minhas “vicissitudes” sobre o passado.

Por outro lado, na mesma medida que as “subjetividades” que antes me eram apenas um “objeto” a ser analisado e agora começavam a emaranhar-se com o meu “eu”, outro problema, que entendo assim como uma segunda “tensão” de pesquisa, se fazia “presente”, ou melhor, “não se fazia”. Com a chegada da pandemia e as subsequentes medidas de contenção da disseminação do vírus, sobretudo a prática do *distanciamento social*, recomendadas pelos órgãos internacionais competentes, não seria possível, no meu entendimento, conversar presencialmente com as minhas testemunhas, como havia feito até então. O que dada a gravidade da situação, não eram nada mais do que formas básicas de cuidado com o “outro”, um direito que nem todos em nosso país, é preciso dizer, tiveram garantido.<sup>8</sup>

No plano historiográfico, e embora aqui eu me limite a pensar a partir de meu trabalho com fontes orais, deixando em aberto uma reflexão sobre outras modalidades documentais, a ausência do corpo, ou a sua projeção virtual à distância, incidem diretamente sobre a capacidade de construir uma narrativa subjetiva aos olhos da teoria da história oral. Afinal, há muito os guias e textos luminares do campo chamam a atenção dos pesquisadores para observar os gestos, as expressões faciais, os ritmos da fala, enfim, o corpo, que “dá corpo”, como disse, às ideias, que são percebidas pela ação e a presença de um segundo corpo, o do pesquisador. Diante de mais essa suposta complicação metodológica eu poderia me tornar não apenas um mercador de “ilusões biográficas e presentismos”, segundo Bourdieu, mas um pesquisador que observaria todas aquelas

---

<sup>8</sup> Dada a brutal dinâmica do que Ricardo Antunes (2020, p. 18-19, *grifos originais*) chamou de “capital pandêmico” sobre os que dependem do próprio trabalho para sobreviver, como poderiam ter garantido o direito ao distanciamento “os/as desempregados/as, os/as informais, os trabalhadores intermitentes, os/as uberizados/as, os/as subutilizados/as, os/as terceirizados/as, isto é, aqueles que não têm direitos sociais e que recebem salários somente quando executam algum trabalho”?

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*subtextualidades* da narrativa através de um “filtro”, como ouvi de um colega em um evento da área em meados de 2020, se eu tenta-se realizar minhas entrevistas virtualmente. Em ambas as questões eu parecia estar duplamente condenado.

Contudo, um situação de crise como a disparada pela pandemia não pode ser apenas mais uma tragédia e em seguida mais um dado a ser inscrito no extenso inventário de catástrofes da humanidade como destacou Mbembe, mas o “momento de perigo”, novamente citando Benjamin (1984, p. p. 224), que é capaz de “arrancar a tradição ao conformismo”. Nesse sentido, advogo aqui por reconsiderar os imperativos da conduta esperada dos historiadores em relação às suas subjetividades e as das vidas que conta, como expresso nos postulados de Bourdieu; e, os caminhos pelos quais pesquisamos o passado, sejam eles de modo digital ou analógico, a partir da “crítica da violência ética”, de Judith Butler (2019), e do “eu do historiador”, de Sabina Loriga (2012).

\*\*\*

A esta última, em primeiro lugar, não só não podemos apagar a nossa personalidade, como tantas querelas historiográficas acompanhadas de juízos morais nada discretos acerca do passado demonstraram ao longo dos séculos,<sup>9</sup> como ao procurar fazê-lo, estaríamos renunciando a uma importante *fonte de conhecimento* (LORIGA, 2012, p. 255, *grifos meus*). Entre o “nós” e os “outros”; a “crítica historiográfica” e o “relato de vida”; o “historiador” e as “fontes”; há contingências e instabilidades em todas as categorias que pretendem fundar o objeto, o sujeito e assim por diante. Por isso é necessário, segundo Loriga, o estabelecimento de um olhar que não sonhe apenas em objetivar o “outro”, e sim *dialogar* com ele, e que para tanto, questione constantemente os seus próprios procedimentos de pensar, ver, atuar e situar-se no mundo; suas hesitações, fantasias pessoais e imaginações históricas (LORIGA, 2012, p. 2555). Evidentemente, é sempre possível projetar os vícios do hoje no ontem. Contudo, como considera a autora, quando voltamos do passado, como quando eu voltei das memórias de minhas testemunhas, já não somos mais os mesmos, pois mudamos as “possibilidades

---

<sup>9</sup> Para ficar apenas no exemplo de Loriga, contemporâneo aos debates sobre as fontes testemunhais e a problemática da história do tempo presente que Bourdieu recebeu de maneira negativa com a sua “ilusão biográfica”, menciono a famosa controvérsia dos historiadores alemães sobre o passado recente do país que irrompeu em 1986, a *Historikerstreit*.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de pensar” o nosso tempo e, quem sabe, o futuro. E é exatamente por isso que todas aquelas limitações devem ser evidenciadas, e não “silenciadas”.

Nestas condições, aquele famoso estatuto do sociólogo francês, que supostamente serve como um alerta aos biógrafos que se encantam pelas narrativas de vida, e por isso presa pela “objetividade”, está certo em um ponto, lendo-o agora através da crítica de Bulter (2019, p. 56): todo o relato é, de fato, “parcial” e “assobrado” por algo para o qual não se pode “conceber uma história definitiva”. Contudo, pergunta a filósofa, ao descobrir que, apesar dos melhores esforços de uma testemunha, ainda resta certa opacidade, “seria isso um fracasso ético?” Não seria, quem sabe, como afirmou Loriga, apenas outra contingência ou instabilidade que “assombra”, igualmente, a narrativa histórica? Inclino-me a dizer que sim para essa última colocação. Do pondo de vista metodológico, entendo os alertas de Bourdieu (2006, p. 183-185) sobre o cuidado com a análise das fontes, mas ressalto o seu referente, isto é, o seu “medo” de que talvez o biógrafo fosse “contaminado” por um tipo de “ilusão retórica, uma representação comum da existência” que, ora vejam, “toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar”.<sup>10</sup> Porém, tendo em vista o que disse Loriga sobre os limites de *todas* as representações do pretérito, que nascem em mentes já *pré-ocupadas*, problema que não recai apenas sobre o “ficcional” como acreditava o sociólogo, não seria melhor criarmos uma ética baseada em nossa “cegueira comum”, conforme Butler (2019, p. 60)?

Mas, o que isso quer dizer? Nas palavras da filósofa, “enquanto estou engajada em uma atividade reflexiva, pensando sobre mim mesma e me reconstruindo” – neste caso, o “narrador”, a “fonte” –, também estou falando contigo e assim elaborando uma relação com um outro da linguagem” – que aqui pode ser compreendido como o meu “eu”, o que escuta, pergunta, investiga. É nessa situação, chamada por Butler de “interpelação”, em que ambos encontram-se investidos de limitações e, ao mesmo tempo, desejos e hesitações (e até mesmo excitações) em que se busca dizer, ou mesmo fazer compreender, algo que se passou. Por isso, continua ela, a fala deste “outro” não é apenas uma transferência de informações sobre uma vida, mas também “uma condutora de um

---

<sup>10</sup> Aqui, como imagino poder ser observado à luz de Hayden White (2018 p.13), o sociólogo não deixa de fazer referência a tradição das disciplinas humanísticas, cientificamente estatutárias, de “condenar” toda e qualquer “tentativa de examinar o passado pelos instrumentos da imaginação, para não dizer um pecado de amplitude Mosaica - 'não misturás os tipo’”. O que na constelação de debates do mundo de Bourdieu sobrevivia no rescaldo das discussões do pós-Segunda Guerra sobre os “significados” do passado.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desejo”; um “instrumento retórico que busca alterar ou agir sobre a própria cena interlocutória”. É, por um lado, um “esforço de comunicar informações sobre si mesmo”; e, por outro, a recriação e a constituição de uma nova forma, a partir do modo como se estrutura a interpelação (BUTLER, 2019, p. 70, *grifos meus*). Assim, é preciso reconhecer essa cena em que dois, ou mais, repertórios limitados e posicionados constroem a narrativa sobre o passado. Até porque, quando eu literalmente conversei com minhas fontes, há sempre um toque de uma das últimas cenas de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (2019), quando uma personagem, diante de uma situação difícil de ser explicada, diz: “as imagens veem com os olhos que as veem”; de modo que só assim a “cegueira é para todos”.

Com isso, consigo chegar agora ao segundo ponto, a “presença”. Nessa direção, fico pensando então quais seriam os tipos de “tratamento precoce” disponíveis ao historiador para que a fonte seja sempre mais transparente diante da sua proximidade física, e mesmo assim sob os riscos de criar uma enfadonha “ilusão biográfica”. Quais as “garantias”, apropriando-me do conceito de Mario Rufer (2010), de que nenhum “filtro” caia sobre o seu olhar com a proximidade dos corpos, como queria meu colega? Como a relação contígua com a fonte pode ser mais “verdadeira” que a virtual? Deste ponto de vista, o historiador certamente se parece com o “ogro da lenda que fareja carne humana”, evidenciando dada “presa” no tempo, como há muito disse Marc Bloch (2001, p. 54). Contudo, fácil seria se fosse apenas este o seu trabalho, mas como se sabe, não o é – a historiografia dá sentido ao que se passou. E mais, como lembrou Loriga (2012, p. 257, *grifos originais*), “o eu do historiador não é uma substância, dada *a priori*, mas uma aspiração ou mesmo *um lugar de trabalho*”. Assim, não se estaria transformando a presença física do historiador com suas fontes em uma “substância inelutável”, um caminho, causal, previamente garantido para adquirir a evidência? Algo que não se encontra nem mesmo no “eu” do próprio historiador, uma “essência” do ser? Por que haveria de se procurar essa dimensão supostamente transparente nos objetos?

Como a teoria da história oral mesmo buscou refinar ao longo dos anos, o que se quer não é a *palavra* do corpo? Os seus *textos* e *subtextos*; como chegaram até nós; e, adquiriram o seu *ser* e o seu *corpus*; seus *lugares* e suas *aspirações*; quem querem (ou não) *ser*? Não obstante, a linguagem do corpo é capaz de se estender, transitar entre o

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

textual e o oral, o espacial e o virtual. Mas como, alguém poderia perguntar. Ora, contrapondo-me com uma indagação de Foucault (2006, p. 208-209), o que restaria de qualquer coisa, “para atravessar o tempo”, “senão o abrigo precário” das palavras? Sejam elas nas “poucas frases” textuais sobre “vidas infames”; ou ainda, em interpelações, igualmente “precárias”, entre sujeitos incapazes de expressar um “si-mesmo vivente”, o que “resta”, ou melhor, o que se (re)constrói constantemente, é apenas mais uma camada de “texto”, de *corpus*. É sobre suas “reconfigurações”, no papel, na carne, no ciberespaço, e não sobre suas “desincorporações” materiais – e isto sim, quem sabe, seja uma “ilusão” –, que a leitura das fontes *talvez* deva-se ater. É isso, pelo menos, que estou buscando discutir, contrariando alguns imperativos tácitos, com a condução de entrevistas à distância desde meados de 2020 – das quais realizei duas destas, com pouco mais de uma hora cada, e uma de mais de duas horas com imigrantes radicadas em diferentes capitais do país, para além das minhas delimitações espaciais. O que não seria possível sem o componente dialógico de Loriga e o relacional de Butler, que carregam consigo a abertura ao “outro” e ao “inesperado”.

## Referências:

### Fontes:

GAISSIONOK, Elena Constantinovna. **Entrevista 1**. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada), 13 nov. 2020a. 1 arquivo .m4a (01:03:30).

SAVITSKAIA, Anna. **Entrevista I** [jun. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018a. 1 arquivo .m4a (01:21:52).

\_\_\_\_\_. **Entrevista II** [set. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018b. 1 arquivo .m4a (01:15:41).

\_\_\_\_\_. **Entrevista III** [out. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018c. 1 arquivo .m4a (21:03).

### Bibliografia:

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006 [1986].

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus limites. In. AGAMBEN, Giorgio; et. al. **Sopa de Wuhan**. Pensamiento contemporáneo en tiempos de Pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio): 2020.

\_\_\_\_\_. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da História: quatro teses. **Sopro**, São Paulo, n. 91, jul. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GELLER JR., Lúcio. Anna Savitskaia: ou, como narrar uma vida na União Soviética (1964-1988). **Aedos**, v. 11, n. 25, p. 26, 2019.

\_\_\_\_\_. **Os tremores da queda**: memória e trajetória de Anna Savitskaia, das reformas à dissolução da URSS (1985-1992). 2018. 88 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina. O eu do historiador. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 5, n. 10, p. 247-259, 2012.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. **N-1**; 2020. [s.p.]. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/020>>. Acesso em 21 mar. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, 1992.

RUFER, Mario. Memoria sin garantías: usos del pasado y política del presente. **Anuario de investigación**, 2010, UAM-X, México, 2010.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEBALD, W.G. **Austerlitz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364 2002.

TRAVERSO, Enzo. **A melancolia de esquerda**. Marxismo, História e Memória. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

UNCHR. Global Trends. Forced Displacement in 2019. **The UN Refugee Agency**, Genebra, 18 jun. 2020.

WHITE, Hayden. O passado prático. **Artcultura**, Uberlândia, v. 20, n. 37, p. 9 - 19, 12 dez. 2018.